

ANO XXIX Nº 10 OUTUBRO de 2012

MARIÁPOLIS

Noticiário do movimento dos foclares



Portugal
**A viagem
da "exultação"**

**Voluntários
em Tonadico**
Uma escola que
deu que falar

**Escola latino-
americana**
A EdC nasceu
para os pobres

Ser a sua Palavra

Caríssimos, estamos ainda – e esperamos continuar durante toda a vida – na Santa Viagem, que decidimos fazer todos juntos. E não é, com certeza, por uma mania de perfeição ou para alimentar o nosso orgulho que o fazemos, e nem sequer para sermos melhores do que os outros, mas para nos santificarmos para a glória de Deus, porque Ele o deseja: «É vontade de Deus a vossa santificação», disse são Paulo (1Ts 4, 3).

Então [...] em frente, em frente sem pausas e, se pararmos um pouco, como pode acontecer, temos mais um motivo para voltar a pôr-nos a caminho, ainda com mais energia.

«Sê santa – escreveu-me um dia a Madre Teresa de Calcutá – ... porque Jesus é santo». É mesmo isto. Temos que ser santos porque Jesus é santo. E nós seremos santos, se vivermos a Palavra. Aliás, nós sabemos que quem vive a Palavra, pelo menos no momento em que a vive, já é santo. «Quem ouve a Palavra – disse Jesus – (isto é, quem a recebe no próprio coração e a põe em prática) já está purificado».

Então, se assim for, é lógico que seremos santos se formos, o mais possível, em cada momento, também agora, a Palavra de Deus viva, sendo «Palavra».

Caríssimos, hoje gostaríamos de compreender melhor como viver bem a Palavra.

A Palavra deve ser vivida como a coisa mais importante a fazer na vida. Quantas vezes o nosso coração se sente atraído por muitas coisas do mundo que nos rodeia, ou

por algo que está dentro de nós... E como é frequente que se dê o primeiro lugar, por exemplo, ao trabalho, ao apostolado; ou aos estudos; ou talvez a um 'hobby', a um divertimento. Ou somos dominados por uma vaidade ou vinculados por um afeto, quando não somos até escravos de coisas que não agradam a Deus... Em geral vivemos a nossa vida orientando a atenção da nossa inteligência e o afeto do nosso coração e o centro da nossa vontade, só... praticamente, para as coisas desta Terra!

E, afinal, qual é o lugar da Palavra?

Sim, recordamo-la de vez em quando e fica tudo por ali. Não, esta não é a vida que Jesus nos pede. A Palavra deve ser, entre todos, o nosso primeiro amor. Deve ser a coluna sobre a qual assenta a nossa existência. A raiz de onde nasce a nossa vida. É a Palavra que deve iluminar momento após momento cada uma das nossas atividades, endireitar e corrigir cada expressão da nossa vida.

Olhemos para Maria. A vida da Virgem é toda conforme às palavras de Deus. Àquelas palavras que ela conservava no seu coração e meditava para as traduzir na vida. Maria é totalmente - podemos dizer - Palavra de Deus, e porque viveu santamente, de um modo perfeito, a sua vida foi uma "Viagem santa", realmente.

Mas olhemos principalmente para Jesus. Ele viveu como nós: foi carpinteiro, trabalhou, fez apostolado, estudou; tam-



outubro de 1983

bém descansou, alimentou-se; amou Maria, José; instruiu os discípulos, fez milagres; matou a fome às multidões.

Mas, quem era Jesus? Ele não era o Verbo, ou seja, a Palavra de Deus que encarnou?

Se Ele é a Palavra que assumiu a natureza humana, nós seremos verdadeiros cristãos, santos, se formos homens que plasam toda a sua vida com a Palavra de Deus. [...] E seguimos Jesus... sabemos bem: renegando a nós mesmos e abraçando a cruz. Todas as metas que se quiserem atingir, mesmo neste mundo, exigem disciplina, sacrifício, esforço, treino. O mesmo se passa com a perfeição cristã: renúncia e cruz.

São palavras duras, mas nós sabemos

que a Santa Viagem é exigente e depois, isto é cristianismo. Viver a morte de Jesus para que Ele ressuscite em nós, momento após momento e, por isso, podar o homem velho para que a árvore da nossa vida não fique como um arbusto inútil, mas que produza frutos saborosos. Não queremos esperar só para o último momento para oferecer a Deus a nossa morte, quando já não há mais nada a fazer. Portanto, o amor por Jesus, pede-nos para morrer, com a Sua ajuda, dia após dia, para ressuscitar dia após dia, momento a momento.

Chiara

Da Conferência telefónica CH de 15.3.82, publicado em *A vida, uma viagem*, Cidade Nova, 1985

Novidades editoriais

A aposta de Emmaus

Vai sair muito em breve, publicado pela editora *Città Nuova*, um livro entrevista à Presidente dos Focolares feita por Paolo Loriga e Michele Zanzucchi

Após quatro anos desde a sua eleição como Presidente do Movimento dos Focolares (julho de 2008), Emmaus Maria Voce, que já ultrapassou metade do seu mandato, revela-se no livro entrevista *A APOSTA DE EMMAUS*, focolarinos no pós Chiara Lubich.

Nas respostas, ela exprime o seu pensamento sobre a vida da Obra de Maria em Itália e no mundo, e sobre factos e acontecimentos da sociedade contemporânea. Revela a sua responsabilidade como primeira Presidente depois da morte da Fundadora, as suas origens e a escolha de

Deus, o seu relacionamento pessoal com Chiara e com a hierarquia eclesiástica. Fala dos desafios que o carisma da unidade tem que enfrentar atualmente. Reflete sobre a vida da Igreja, a política italiana, a crise da sociedade ocidental e da comunidade europeia, o diálogo inter-religioso, o Projeto Itália.

O livro-entrevista será apresentado ao público e à imprensa nacional em Loppianolab, sábado 22 de setembro de 2012, às 18h no Auditório de Loppiano (www.cittanuova.it). A presença da Emmaus está confirmada.

Elena Cardinali



Em visualização para os leitores de Mariápolis, no site do Noticiário www.focolare.org/notiziariomariapoli uma seleção de três perguntas e respostas. ndt – Esta apresentação já decorreu com muito êxito.



Aprofundamentos Um único grande IDEAL DEUS



© C.S.C. Arquivo

No dia 11 de agosto de 2012, memória de Sta. Clara de Assis, encerrou-se o Ano Clariano, celebrado para lembrar o VIII centenário da sua consagração. A figura de santa Clara, tal como a radicalidade da sua escolha, são cada vez mais atuais, fascinantes e, ao mesmo tempo, um estímulo para uma vida cristã coerente. «O seu testemunho – observou Bento XVI – mostra-nos que toda a Igreja tem um débito para com as mulheres corajosas e ricas de fé como ela, capazes de dar um impulso decisivo para a renovação da Igreja»¹.

O Ano Clariano concentrou a nossa atenção sobre os acontecimentos na tarde de seguir ao Domingo de Ramos (1211 ou 1212), quando, depois de uma fuga aventureira de casa, Clara se foi reunir com Francisco e os seus companheiros em santa Maria da Porciúncula e ali se ofereceu completamente a Deus. «Filha, o que desejas?», pensa-se que foi o que Francisco lhe perguntou naquela ocasião. Clara respondeu com uma única palavra: «Deus». Todos sabemos a incidência que aquele diálogo – talvez conhecido através de uma biografia daquela época – teve sobre Silvia Lubich. Como terceira franciscana, decidiu escolher para si o nome de Clara. Como santa Clara, também ela en-

CLARA DE ASSIS e CHIARA LUBICH: contou em Deus o seu programa, o tudo da sua vida,

a sintonia de dois carismas de luz

o único ideal imperecível num contexto tão trágico como aquele do segundo conflito mundial, e sentiu de um modo claro o chamamento a dar-se completamente a Ele. Assim testemunhou em 1948: «Impressionou-nos o facto que uma jovem de dezoito anos, bonita, cheia de esperanças, soubesse reunir todos os desejos do seu coração no único Ser digno do nosso amor. E também nós, como ela, sentimos o mesmo desejo»².

Deus: naquela resposta escultural está condensado o fundamento da vida de uma e da outra Chiara, da fidelidade delas, vivida com intensidade e radicalidade autênticas. No testemunho das suas vidas estamos sempre a descobrir uma afinidade, uma transparência e luminosidade semelhantes.

Constatámos isto ao longo dos anos, quando, no dia da festa de santa Clara, que já se tornou uma festa de família para todo o Movimento no mundo, Chiara falou da santa de Assis, e fez-nos descobri-la «próxima», fez-nos «saborear» a sintonia entre os dois carismas, apesar da especificidade de cada um. Encorajou-nos a deixarmos-nos iluminar pela sua fidelidade a Deus,

para sermos fiéis ao carisma que Deus nos deu para estes tempos: a unidade. Deste modo, estabeleceu-se com esta santa uma ligação única.

Em Deus, fonte de luz

Deus, portanto, é a essência da escolha da vida de Clara de Assis. A vida consagrada na virgindade torna-se para ela acolhimento. Daquele «que os céus não podem conter»: é plenitude, fecundidade, como manifesta o rastro de luz deixado por ela. A vida religiosa proposta por ela, de um modo muito novo em relação à concepção e à praxe da época, não é separar-se dos outros, nem fechar-se para o mundo, mas tem um horizonte vasto como o mundo inteiro. Não foi por acaso, ao contrário das constituições vigentes para outras comunidades claustrais, que santa Clara nunca quis que houvesse a proibição da palavra, mas fez com que o diálogo espiritual fosse um dos centros da vida da sua comunidade.

Deus só. A pureza daquela escolha audaz e surpreendente de santa Clara, que o episódio da Porciúncula nos recorda, está na base da sua fidelidade sofrida e autêntica, explica a sua perseverança ao pedir ao Papa o privilégio da pobreza, é raiz e apoio da sua espera paciente pela plena confirmação da Igreja ao seu carisma. Só na véspera da morte é que ela teve a alegria da aprovação pontifícia da Regra. Foi a primeira mulher na história a pedi-la e a escrevê-la com o próprio punho. Significativamente não a chama «regra», mas «forma de vida», como espelho de uma vida vivida com as suas companheiras no convento de são Damião. No momento do seu regresso ao Pai, ela estreitou entre as mãos aquele escrito precioso, quase como um sinal de que devolvia a Deus o dom que Ele lhe dera, recebido e vivido. Ao mesmo tempo, para que o confiasse a quem per-

manecia, para que o mantivesse íntegro.

«Ó maravilhosa e bem-aventurada clareza de Clara! Quanto maior é o amor e o cuidado com que se indaga esta luminosidade nos acontecimentos particulares, mais luminosa se revela em cada um! Ela realmente brilhava enquanto vivia no mundo, mas resplandeceu ainda mais na vida religiosa; brilhou como um raio na sua casa paterna, mas no claustro irradiou como um sol. Brilhou em vida, mas depois da morte resplandeceu radiosa; foi clara na Terra, mas no céu brilha com infinita claridade. Tão vívida é a potência desta luz e tão forte é a claridade desta fonte luminosa!»³.

As palavras da bula de canonização, expressão significativa da irradiação da sua vida e santidade, testemunham que, de modo paradoxal mas autenticamente evangélico, o pequeno espaço do convento de são Damião assumiu «os confins do mundo inteiro» e permanece nos séculos como fonte luminosa.

Na pureza adamantina com que santa Clara seguiu Deus, redescobre-se uma forte sintonia com a escolha pura, coerente, alegre e única de Deus, que nos nossos tempos Chiara testemunhou. «*Deus! Primeiro escolhemo-Lo como o Tudo da nossa vida por exclusão do resto, que vemos enfadonho e vão. Depois vimos com os Seus olhos as pessoas e as coisas, o mundo e a História, os acontecimentos grandes e pequenos... e amámo-Lo presente na natureza e nos séculos. Por fim, "sentimo-Lo" no fundo do nosso coração. E Aquele em quem acreditávamos pela fé, manifestou-se-nos pela mística tangível demonstração. E acreditámos que Ele existe, porque, verdadeiramente, Ele está no profundo da nossa alma*»⁴.

Chiara fez-nos descobrir as várias fontes da presença de Deus. Voltam à memória e à alma o seu desejo de que esta palavra, Deus, chegue até cada pessoa e

o seu convite para sermos canais, um eco dessa presença no nosso tempo.

Com grata consciência ela deu-nos a prova de que a virgindade é plenitude: o virgem não está sozinho, se for fiel «é uma inteira família divina».

Como uma esposa

Esposa de Deus: do encanto daquele «tu a tu» do dia 7 de dezembro de 1943 até aos últimos instantes da sua vida, houve muitos momentos em que em Chiara, a exclusividade daquela escolha foi renovada. Numa página de diário que fixa um destes, santa Clara parece estar ao seu lado, «companheira» de viagem: «11 de agosto de 1980. A festa de Santa Chiara este ano chega simultaneamente com uma graça que eu considero uma das maiores da minha vida: a consciência, e quase a certeza (é a misericórdia de Deus que trabalha!) que a minha vida tem um fim: Jesus. É a Ele que vou encontrar na morte e, portanto, vejo este acontecimento como aquele pelo qual devo viver. Quero que nada mais tenha sentido para mim senão aquele instante. Não viverei portanto para desenvolver a Obra (mesmo se, é óbvio, que o farei) [...]».

Quero viver para ir ao Seu encontro da melhor maneira, assim, exatamente como se prepara uma noiva para as núpcias. [...] Por isso, tudo fica para o segundo lugar, desapegamo-nos naturalmente de tudo e de todos, mesmo se amamos a todos.

Gostaria, como santa Clara moribunda, de poder repetir: «Vai segura, minha alma, porque um bom companheiro tens no teu caminho.

Vai, porque aquele que te criou, te santificou».

Lucia Abignente

- 1 Bento XVI, Santa Clara de Assis, Audiência geral, 15 de setembro de 2010.
- 2 C. Lubich, La comunità cristiana, in *Fides*, 48 (1948), n. 10, p. 280.
- 3 Bolla di canonizzazione di santa Chiara Vergine, 3-4; Fonti Francescane, 3283-3284.
- 4 C. Lubich, Frammenti (1963), in *A grande atração dos tempos modernos (Escritos espirituais/1)*, Brasil.

Novidades editoriais

Chiara Lubich

O amor ao irmão

Por Florence Gillet

O livro recentemente publicado pela Editora *Città Nuova* oferece ao leitor alguns textos de Chiara Lubich sobre o *Amor ao irmão*, na maioria inéditos ou pouco conhecidos.

Tem o objetivo de ser uma orientação refletida do seu pensamento sobre este ponto imprescindível da vida cristã, a que todos os carismas outorgados pelo Espírito Santo ao longo da história da Igreja deram um grande relevo.

Põe em evidência a riqueza e a originalidade do pensamento de Chiara: o amor ao irmão, baseado no Evangelho, não se limita ao pobre, mas dirige-se a todas as pessoas. Ou melhor: a sua prática é oferecida a todos, seja qual for a sua tendência política, cultural ou religiosa, como caminho para a plena realização pessoal e de transformação do mundo. Aliás, o irmão amado é um sacramento de Deus para quem o ama. Reciprocamente, quem ama é sacramento de Deus para o irmão amado.

Em síntese, quem ama o irmão colabora no desígnio de Deus de «recapitular todas as coisas em Cristo» (cf. Ef 1,10). Era o desejo de Chiara que, ainda em 1946, indicava um caminho direto: «Se todos os homens, ou pelo menos um grupo, mesmo se pequeno, de pessoas, fossem verdadeiras servas de Deus no “próximo”, em breve o mundo seria de Cristo».



Portugal

A viagem da "exultação"

A visita de Emmaus e Giancarlo realizou-se de 15 a 22 de agosto. Diário de viagem de uma intensa semana, vindo em destaque o amor de Maria e a presença dos jovens

15 de agosto. Festa da Assunção de Maria. «Vou a Portugal para levar a Obra de Maria à Nossa Senhora de Fátima», confia-nos a Emmaus. Na Missa, celebrada por Giancarlo na capela do Centro, as leituras falam várias vezes de «exultação». Preparámo-nos para viver assim os dias que nos esperam!

16 de agosto. «Vivemos o primeiro dia em Portugal com uma alegria crescente!», exclama a Emmaus na conclusão de uma dia cheio de encontros e emoções na Cidadela Arco-íris,

que celebra os primeiros 15 anos de vida. Depois de um acolhimento digno da «criatividade do amor», a visita ao cemitério: Anabela, primeira gen3 a tornar-se «pedra viva» da Cidadela; Heleno

Oliveira «primeira semente» – como o definiu Chiara – e muitos outros. A Emmaus recorda quando, em janeiro de 2011, pediu ao Eduardo Guedes - focolarino português que estava a partir para o Céu -: «Posso confiar-te os jovens?». E ele: «Claro!». Agora, diante do

seu túmulo renova o pedido, pensando em particular no Genfest que: «Deve ser uma explosão de amor com repercussões no mundo inteiro!». Diria o mesmo, pouco depois, a cerca de quarenta gen, ao visitar com Giancarlo as duas casas gen. A visita continua na sede da Editora Cidade Nova (nascida em 1976); no encontro com as famílias e os seus muitos filhos, pioneiros da Cidadela; no harmonioso Centro Mariápolis; nos focolares e nas lauretanas. Enfim, veem-se com interesse os projetos das próximas construções: uma série de apartamentos que irão aumentar a capacidade logística. Um momento solene: a colocação de uma medalhinha no terreno onde será construída a casa das voluntárias.



O «Pólo Giosi», sonho de muitos, agora já concretizado, foi inaugurado em 2010. Atualmente funcionam ali três empresas e um Centro de reabilitação, além de outras 10 empresas coligadas. Um grande grupo de empresários e jovens contam, com sim-



plicidade, as suas experiências. O Pólo «não é apenas uma vitrine para as empresas da EdC, mas também um centro de formação para a cultura do dar» – fazem questão de dizer. A Emmaus encoraja-os a terem confiança nos talentos dos jovens. Isto «levará, talvez não imediatamente, a gerar novos postos de trabalho, contando com a ação de Deus, o vosso sócio invisível».

17 de agosto. O encontro com o Conselho de zona desenrola-se num diálogo aberto sobre vários assuntos: as diversas vocações, os movimentos de massa, os focolares, as regiões... Entre outras coisas, a Emmaus sublinhou o papel dos «conselheiros dos aspetos»: «Não se pode pensar nos nossos “diálogos” ou nos movimentos de massa, sem que neles se exprima a vida dos vários aspetos. Se existir essa consciência, então age-se também em unidade com os conselheiros dos aspetos, na zona».

18 de agosto. É o momento dos 150 gen2 provenientes de todo o Portugal (dos Açores são duas horas de avião!). Estão cheios de vitalidade e vivem o Ideal com seriedade. Querem perceber o sentido profundo dos acontecimentos do mundo e qual o contributo dar. «Deus é Amor sempre! – responde a Emmaus – Quando Chiara fez esta descoberta havia a guerra. Mas esta certeza era tão forte que as dificuldades eram vencidas... E

agora esta nossa certeza pode tornar-se esperança para os outros. É este o vosso contributo, gen: testemunhar com a vossa vida que Deus é Amor».

«Vamos usar a imaginação. A fé em Deus ajudar-nos-á a encontrar novas soluções», conclui o Giancarlo.

19 de agosto - Em Fátima há muita emoção para o encontro tão esperado pelos 1.800 membros do Movimento com a Emmaus e o Giancarlo, que começa com uma festosa saudação-diálogo com 140 gen3. «O povo de Chiara em festa!» é o título deste dia inesquecível. Ao concluir, a Emmaus confia: «Partimos de Roma no

Chiara e Fátima

«Foi em setembro de 1955 quando uma ocasião realmente excepcional nos levou a encontrar a Irmã Lúcia de Fátima [...], escreveu Chiara no seu diário.

Temos poucas lembranças daquela viagem, muito amada, entre o dia 8 de setembro, nascimento de Maria, e o dia 12, nome de Maria. Talvez porque o coração estava sempre ali na Cova da Iria, onde Nossa Senhora depositou a sua mensagem para o mundo»¹.

Ela notou uma ligação estreita entre aquela mensagem («O meu Coração Imaculado triunfará») e a Obra de Maria. E exprimiu-o às comunidades de Portugal e da Espanha, reunidas no dia 22 de agosto de 1989 em Santiago de Compostela, definindo o Movimento uma das forças suscitadas para que o Amor triunfe no mundo.

¹ Chiara Lubich, Pensieri (1961), em *A atração dos tempos modernos (Escritos espirituais/1)*, Brasil

dia da Assunção. O Evangelho falava da visita de Maria a Isabel e dizia que "...o menino exultou no seu seio" (Lc, 1,41). Pareceu-me que Jesus presente entre vocês se alegrasse pela chegada do Centro da Obra de Maria. E eu pensei na resposta de Maria à sua prima: "A minha alma magnifica o Senhor!" (Lc, 1,46). Esperamos poder dizê-lo todos juntos. O aplauso espontâneo da assembleia sublinhou a gratidão a Deus pelo dom da unidade e, também, o empenho de levá-lo a todos.

20 de agosto. Uma manhã intensa para aprofundar a vocação, com uma centena de focolarinos. Fala-se de radicalidade, de maternidade e paternidade espiritual. Giancarlo conta uma sua experiência «de grande unidade no focolar, que fez nascer uma comunidade florescente, com muitos gen... A paternidade espiritual é lindíssima e nasce da escolha diária de Jesus Abandonado». Fala-se, ainda, de pobreza. A Emmaus relembra que, quando entrou no focolar, a sua mãe deu-lhe muitos selos para ela lhe escrever. «Uma manhã percebi que devia pô-los em comum no focolar. Disse a ela que passaria a escrever-lhe menos, explicando o motivo. Ela percebeu muito bem, mais do que eu pudesse imaginar». À pergunta sobre como desenvolver o Ideal nesta terra, a Emmaus respondeu: «O amor de Maria por Portugal e o dos portugueses do Movimento por Ela, fará com que vocês

A possam fazer ser conhecida e bem aceite». E ainda, ter atenção «para manter a zona jovem, que significa vitalidade, elasticidade nas mudanças, liberdade... Vocês que são "a zona jovem", demonstrem-no!».

À tarde, no encontro com 27 sacerdotes focolarinos e voluntários, veio em evidência o «sacerdócio mariano», característico dos sacerdotes que assumem a espiritualidade da Obra de Maria. «Jesus disse: "Eu sou o Bom Pastor" – recorda a Emmaus – para indicar un relacionamento de amor entre fiéis e pastor, um relacionamento de unidade»; nas «duas dimensões de amor e de serviço», acrescenta Giancarlo.

21 de agosto. Hoje, uma agradável visita a Lisboa. À noite mais uma surpresa: a Cidadela Arco-íris saúda e agradece com uma festa em família! Uma canção dos gen e das gen diz, entre outras coisas, «podes confiar em nós». A Emmaus retoma a frase: «Vamos voltar profundamente transformados pela experiência feita juntos. Podemos dizer que temos em Portugal um pedaço de Opera em que podemos confiar!».

22 de agosto. Festa de Maria Rainha. Por uma feliz coincidência partia-se no dia de uma outra festa dedicada a Maria. A sua presença, juntamente com a de Chiara, acompanhou-nos sempre nesta, assim chamada, «Terra de santa Maria». Uma verdadeira «viagem da exultação»!

Do enviado especial Gustavo Clariá



Turim Um passo para a Fraternidade entre cidades

Dez anos após a atribuição da cidadania honorária de Turim a Chiara Lubich, um evento com a participação de personalidades políticas e de relevo e cerca de mil cidadãos

«Desejo que Turim se torne a Capital da Fraternidade»: com estas palavras, escritas no livro de ouro da cidade em 2 de junho de 2002, Chiara resumia o significado da cerimónia da atribuição da cidadania honorária.



Turim, 2 de junho de 2002

O presidente da Câmara, Piero Fassino, que já tinha utilizado a Fraternidade como base da sua campanha eleitoral, quis um evento cidadão onde se selasse a adesão de Turim à Associação Cidade da Fraternidade e onde fossem propostos valores como, por exemplo, a atenção por quem está «só» e a solidariedade, tratados com temas apresentados pela socióloga Chiara Saraceno e por Luigino Bruni.

Assim, no dia 1 de julho, mil pessoas, apesar de ser um dia quentíssimo, encheram a plateia do teatro Alfieri de Turim e puderam ouvir mais uma vez, num clima profundo e comovido, o essencial da mensagem de Chiara de há dez anos, que a presença e as palavras de Eli Folonari contribuíram para tornar ainda mais presente e atual.

Depois das saudações dos ministros Elsa Fornero e Renato Balduzzi, do vice-presidente da Associação Cidades da Fraternidade e da intervenção apaixonada do senador Mauro Marino, os temas de Chiara Saraceno «Fraternidade, contrato social, justiça» e de Luigino Bruni «A Fraternidade poderá ser hoje um princípio económico?» foram momentos altíssimos que, partindo de visões diametralmente opostas, se harmonizaram perfeitamente na Fraternidade.

O momento alto do evento foi a «Declaração de Turim», que o presidente da



Turim, 1 de junho de 2012

Nestes 10 anos continuou-se neste caminho e deram-se passos importantes, partindo da construção de relacionamentos sinceros com os políticos e administradores de todos os partidos políticos, com momentos de reflexão profunda no Conselho regional de Piemonte.

Nesta base foi espontâneo aproveitar a ocasião do décimo aniversário daquele 2 de junho, para voltar a divulgar, num momento público, a mensagem de Chiara sobre a Fraternidade em política.

Bispos «Atelier de unidade» para uma Igreja-comunhão



© Segves | Nuldi

D. Francis X. Kriengsak com o card. João Braz de Aviz.

Nas montanhas de Turim, o encontro de verão dos Bispos amigos dos Focolares. O arcebispo de Bangkok, Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, foi o novo moderador

Forno di Coazze, perto de Turim, de 1 a 9 de agosto foi o ambiente acolhedor do tão esperado encontro de verão dos Bispos amigos dos Focolares. Participaram três Cardeais e 62 Bispos.

Emmaus Voce e Giancarlo Faletti estiveram com eles três dias, vivendo momentos importantes para todos os presentes. A Presidente convidou, naquela ocasião, D. Francis Xavier Kriengsak, arcebispo de Bangkok, «que se alimentou e viveu do carisma de Chiara desde os tempos em que era gens», para ser o novo moderador e coordenador, a fim de garantir a comunhão dos Bispos com toda a Obra e entre eles. Uma passagem de testemunho com unânime «gratidão e estima» pelo card. Miloslav Vlk, que durante 18 anos teve este cargo.

«A evidente e grande alegria de todos –

escreveu Emmaus anunciando a nova nomeação – , não sem uma evidente surpresa, pôs em evidência que o Espírito Santo está em ação e que esta escolha, nascida da unidade, estava abençoada pelo Céu. Pareceu também um sinal de abertura universal da Obra e da sua atenção para com os novos continentes e para com os vários diálogos.

D. Kriengsak aceitou com humildade e em plena unidade este cargo difícil, confortado pela disponibilidade de todos os outros Bispos de lhe estarem unidos e o apoiarem de todas as formas possíveis. Iniciará plenamente as suas funções depois do próximo encontro dos Delegados da Obra, no qual poderá estar presente nos últimos dias, pois vem a Roma para o Sínodo dos Bispos».

Os dias nas montanhas da zona de Turim, com a estimulante unidade expe-

Câmara, concordando totalmente com a «Carta de Génova» (ver Mariapolis 6/2011), quis que o próximo passo a dar fosse o empenho da Cidade pela Fraternidade e ser, assim, «capital» de pleno direito.

Quando terminou tudo, as funcionárias do teatro tiveram dificuldade em fazer

sair as pessoas, sobretudo os políticos. Estavam tão profundamente tocados e envolvidos que ali, naquele momento, propuseram programas e encontros para continuar neste caminho que começou há dez anos.

Mauro Camozzi, Daniela Bignone

rimentada nos 12 «focolares», foram ricos de sabedoria. Os momentos em profundidade alternavam com o ensinamento de Chiara sobre a santidade coletiva («santos por amor – santos com os outros»), e uma focalização sobre o Vaticano II, evidenciando os muitos elementos do carisma da unidade que se encontram nos grandes documentos conciliares. Noutros momentos, os Bispos aprofundaram a história da Obra com as suas etapas de luz e de sofrimento, falou-se da preparação do quinto aniversário da chegada de Chiara ao Céu. Nasceu um «atelier da unidade» onde, partindo do carisma que se torna visível através do Movimento, os Bispos se interrogaram sobre o contributo que podem dar para o comunicar e torná-lo conhecido na Igreja. Programaram os encontros regionais a realizar no próximo ano nos vários continentes.

Como se encontravam numa terra de santos, visitaram os lugares de ação de D.Bosco, de Cafasso, de Cottolengo, de Alamanno. Em Vallo Torinese, foram cumprimentados pelo Presidente da Câmara e pelo padre Vincenzo Chiarle, sacerdote focolarino e concelebraram para um grande número de pessoas da comunidade, concluindo com uma oração no túmulo de Maria Orsola Bussone, uma gen cujo processo de beatificação está em curso.

A 6 de agosto o encontro foi em Sassello, terra natal da beata Chiara Luce Badano (ver caixa).

Seguindo a tradição de Chiara, os Bispos foram os primeiros, do Movimento, a quem a Emmaus apresentou o novo tema do ano sobre a presença de Jesus no irmão: «O outro igual a mim – o outro sou eu». Respondendo a uma pergunta na rádio vaticana D. Alberto Taveira Corrêa, arcebispo de Belém do Pará (Brasil), sublinhou a clareza com que a Emmaus pôs em evidência esta «presença» que, quando tomamos consciência, leva-nos a um novo modo de «reconhecer e abordar as pessoas», e abre para uma experiência mística, importante para os cristãos no mundo secularizado.

Como confirmação disso mesmo, a vida e o pensamento do bispo Klaus Hemmerle, iniciador com Chiara da comunhão entre os Bispos amigos dos Focolares, salientaram que «reconhecer Jesus no irmão e na irmã» significa exercitarmo-nos numa contínua conversão.

Como alguém disse: «Separámo-nos com um novo amor pelo irmão e uma maior consciência de sermos Seus instrumentos para a realização do “Ut omnes”».

O próximo encontro será em julho de 2013, na Mariápolis Ginetta, para se estar perto do Papa durante a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro.

Helmut Sievers (Chiarama)



Em Sassello com Chiara Luce

A 6 de agosto Emmaus e Giancarlo, juntamente com os Bispos que estavam no seu encontro de verão, foram à terra de Chiara Luce Badano

Desde o dia da sua beatificação em setembro de 2010, a terra de Chiara Luce (a primeira beata do Movimento) é meta para muitos jovens de todas as regiões de Itália, do resto da Europa e do mundo. Fomos recebidos pelos habitantes que aderiram à «Associação Chiara Badano – Sassello» e alguns membros do Movimento, que conheceram Chiara Luce e deram o seu testemunho.

Um momento importante foi a visita ao seu túmulo, onde cada um leva alegrias e dores e pede a Deus graças e dons. «Também vêm muitos jovens que não acreditam – conta a mãe de Chiara – vão a nossa casa, observam, escutam e quando saem do seu quatinho vejo que receberam o recado da tocha, da minha filha».

Para a mãe Maria Teresa e para o pai Ruggero o dia 6 de agosto foi um dia realmente único: receberam na sua casa Emmaus, Giancarlo e 65 Cardeais e Bispos. Foram momentos de grande recolhimento que, juntamente com a hora passada no jardim, com os Bispos que faziam perguntas aos pais, deixaram uma grande luz nos seus corações.



A Emmaus, antes da chegada dos Bispos, visitou pela primeira vez o quatinho e conversou cerca de trinta minutos com os pais, a quem confiou: «Sinto-a como uma irmã pelo carisma da unidade que nos liga: uma irmã mais nova porque filha do Movimento dos Focolares que agora presido; uma irmã mais velha porque, correndo como uma atleta dos Jogos Olímpicos, me precedeu na santidade».

Seguiu-se o almoço e um breve repouso na casa que os padres de d. Orione puseram à nossa disposição, perto de Sassello. O acolhimento e o serviço foram feitos por uma equipa de jovens e menos jovens do Movimento. A atmosfera era de Mariápolis.

O último ato de um dia memorável foi a Missa, presidida pelo card. Ennio Antonelli e concelebrada pelos cardeais João Braz de Aviz e Miloslav Vlk, por Giancarlo Faletti e o padre Paolino Siri, vigário geral da diocese de Acqui Terme, com todos os Bispos. A paróquia de Chiara Luce, dedicada à Santíssima Trindade, estava completamente cheia. Os cânticos, executados por um coro de pessoas do Movimento de Milão, Turim e Génova, dirigido por Mario De Siati, deram solenidade a cada momento da celebração.

Daniela Bignone, Mauro Camozzi



Voluntários

Uma escola que deu que falar

No Vale de Primiero, 140 responsáveis dos Voluntários de Deus



Paolo Mottironi apresenta os participantes da Escola a Renato Pegoretti, presidente do conselho municipal de Trento, no salão nobre do Palácio Jeremias, sede da Câmara de Trento.

Não é frequente que uma escola para membros do Movimento seja notícia nos meios de comunicação locais. Foi o que aconteceu em Trento, com a escola internacional dos responsáveis dos Voluntários de Deus, que começou no sábado 23 de junho, com a chegada de 140 participantes, provenientes de todos os continentes. Estavam presentes, pela primeira vez, voluntários de Cuba e da Jordânia (além da Austrália, Chile, Paquistão, etc.) e zonas onde o equilíbrio socio-religioso é delicadíssimo, zonas martirizadas por guerras civis sangrentas como a Nigéria. A intervenção da televisão trentina, que realizou um breve serviço sobre a escola, transmitido no telejornal da noite e o interesse do maior diário local, são só uma das novidades da própria escola. Foi intenso, durante todo o período, o clima de participação e partilha por parte das autoridades locais de Vale de Primiero. Houve dois momentos-chave neste relacionamento: o primeiro foi na noite de domingo 24, em Pieve, onde os

autarcas de Vale deram um caloroso acolhimento a um programa de apresentação do Movimento e do ramo dos Voluntários. O segundo momento foi sexta-feira, dia 29, no auditório de Fiera di Primiero. Também aqui estavam presentes vários autarcas e autoridades locais, a sala de 500 lugares ficou cheia com os participantes da escola e por muitos cidadãos. O programa tinha o título: «De Primiero para o Mundo – Construir uma sociedade solidária. O contributo da Obra e do pensamento de Chiara Lubich».

O programa da escola girava à volta de uma questão base: «Qual o papel da vocação do voluntário hoje na Obra, na Igreja e na Humanidade?». Procurou-se a resposta partindo da experiência do Paraíso de 49, onde tudo começou. Daqui o título dado à iniciativa: «Do Paraíso à encarnação». Emmaus, numa belíssima carta assegurou-nos a sua unidade, para que a escola fosse um sucesso, renovou com todos nós «aquele pacto que em 49 abriu o “Paraíso”...» e assegurou-nos: «...estou unida a vocês no empenho de o encarnar e de o difundir nas realidades humanas».

Marco Tecilla foi um precioso «companheiro de viagem» e guia, nestes dias em que partilhou conosco todos os momentos do programa, iluminando-o sempre e tornando-o mais rico com a autoridade e a participação de uma testemunha direta daqueles primeiros tempos. Não faltaram momentos de forte emoção.

O programa desenrolou-se segundo algumas diretrizes fundamentais. A primeira foi o aprofundamento da reali-

dade mística do Paraíso de 49 e da figura de Foco. Outra linha foi a dos diálogos, sempre intensíssimos e participados, que permitiram aprofundar a vocação do voluntário, a sua encarnação no mundo, o papel do responsável e serem todos participantes da Obra Una. A terceira linha foi a dos núcleos, entendidos como grupos de trabalho com Jesus no meio, diferentes na língua e na cultura, chamados a «ler», através da lente do Ideal encarnado, as realidades sociais de cada território. O objetivo era prevenir, identificando, problemáticas comuns, que poderiam ser objeto de intervenção através de ações específicas nos próximos anos, quer no plano social, quer no plano espiritual ideal, assim como no plano dos relacionamentos de Obra. Neste sentido, um momento particular foi dedicado ao aprofundamento da realidade da Amu, importante porque os Voluntários são os primeiros promotores (e também os motores) das várias atividades da Amu.

Não faltaram momentos de relax, com excursões pelos carreiros pedestres do vale, visita à cidade de Trento e um momento com a Câmara de Trento, no Palácio

histórico, Geremia, com o Presidente do Conselho municipal e o autarca da cidade, num clima de cordialidade e afeto, com troca de presentes.

Na «Resurreição de Roma»¹ de Chiara (duas sessões com Lucia Fronza) fez-se a síntese de todo o *meeting* e ainda a «missão», de que todos os participantes se sentem profundamente investidos, no momento em que se preparam para abandonar este vale encantador para regressarem às suas cidades: as várias «Roma» deste início do terceiro milénio, que, apesar de minadas por vários sofrimentos, desejam ardentemente uma verdadeira revolução de amor.

É ainda cedo para dizer se o objetivo da questão inicial foi conseguido e se teremos a possibilidade de elaborar para já uma resposta. No entanto, temos a certeza do clima sagrado que envolveu esta escola, registando em todos um salto para uma nova maturidade no Ideal da Unidade, e acreditamos que muitas iniciativas de amor nascerão para fazer florescer as várias comunidades.

Paolo Mottironi

¹ C. Lubich, escrito de 29 outubro 1949, em “A atração dos tempos modernos” (La dottrina spirituale), Mondadori Editore, Milano 2001, pp. 217-220



Os voluntários com algumas famílias e habitantes do local da Igreja dos Capuchinhos (aquela do Pacto entre Chiara e Foco) em Tonadico di Primiero.

Loppiano A cidade dos adolescentes

Um atelier de trabalho que viu na Cidadela toscana 250 promotores de fraternidade em várias partes do mundo.



Este ano Loppiano fez de moldura a uma forte experiência para cerca de 250 rapazes e raparigas: de 8 a 13 de julho desenrolou-se o Atelier para a Unidade (JpU) precedido da primeira escola internacional de gen3 animadores de JpU (com cerca de 40 entre os e as gen3).

Vimos de muitas partes do mundo para viver este atelier: Austrália, Bolívia, Bulgária, Grécia, Itália, Espanha, Turquia, e Hungria.

As nossas duas casinhas gen3, *Piccolo seme* e *La scintilla*, eram os nossos pontos de base, enquanto o Auditório e o salão São Bento eram os lugares onde nos encontrávamos, para trabalhar e fazer desportos juntos. «Ocupámos» também *Traccolle* e armámos dois pequenos acampamentos com tendas na *Scintilla* e no *Terraio*.

Os dias da escola

Todas as manhãs começávamos por contar as aventuras vividas para chegar a Loppiano e as experiências que fazemos com Jovens para a Unidade nos nossos países e cidades.

Percorremos as etapas fundamentais



do movimento JpU, graças a algumas vídeo-gravações de Chiara.

Depois, havia sempre ocasião para nos encontrarmos entre as e os gen3 para partilhar várias refle-

xões, pontos de vista, experiências que ajudam a perceber melhor a identidade dos Jovens para a Unidade hoje, também graças a uma agenda-guia que foi entregue a cada um.

Nas tardes, pelo contrário, dividíamo-nos em grupos de trabalho para colaborar nos preparativos dos ateliers e laboratórios que o tinham caracterizado: as apresentações, a cenografia, imprensa, música, logística para as refeições, desporto e jogos, preparação do acampamento e construção das tendas, etc.

O atelier

Cada dia era caracterizado por um sinal matemático, que propúnhamos a todos através de uma Palavra do Evangelho e de algumas experiências.

Os primeiros três dias, com encontros juntos ou de grupo, laboratórios e jogos de simulações,





debateamos várias temáticas que nos dizem respeito: a cultura do Dar, EdC, Scholl-mates, ecologia e a relação com a natureza, a cidadania ativa e a relação com a própria cidade.

Devemos agradecer aos especialistas destes dias: várias pessoas da Amu, das Inundações de ecologia (Eco One) e da Arquitetura.

No último dia procurámos compreender quem somos nós, Jovens para a Unidade: através de um questionário. Fizemos uma espécie de *identikit* de quem é um jovem para a unidade.

Foi bom também podermos encontrar com os habitantes da Cidadela. Em que momentos? Na missa da tarde, no santuário da Teothokos e no jantar de quarta-feira, divididos em pequenos grupos, nos vários focolares, casinhas gen, famílias e comunidade de Loppiano.

O que fazemos nos nossos países

Milão. Inspirando-nos em Chiara Luce, preparámos um musical sobre a sua vida, para dar a possibilidade a todos de a conhecerem. Alguns tocam vários instrumentos, outros recitam e cantam; preparámo-nos durante um ano e meio. Depois o grande sucesso, no teatro de Gorgonzola, perto de Milão. Faremos uma segunda edição neste Outono.

Bulgária, Anita. «Uma colega de escola sofria de leucemia, mas não tinha possibilidade de pagar os tratamentos.

Para a ajudar, organizámos um concerto em que participamos, para grande surpresa nossa, 2.000 pessoas. Conseguimos juntar muito dinheiro mas não o suficiente. Chegou então um inesperado contributo de um senhor que tinha ganho a lotaria. Agora esta minha colega – graças a nós seus colegas – está bem e vai poder recomeçar a ir às aulas».

Da zona de Bolonha: «Alguns de nós foram à zona do epicentro do terremoto, onde se encontraram com as pessoas que tinham necessidade de falar e de desabafar. Um dos gen do local contou-nos que, ele e toda a sua família, dormiram no carro, porque a casa deles não era segura. Também, ao ver a tristeza de tantas crianças, durante muito tempo fez animação e jogos com eles, juntamente com outros jovens.



Loppiano. Desde há cinco anos diversas escolas de Valdarno se encontram para participarem nas «mini-olimpíadas», que envolvem os professores das diversas turmas no papel de árbitro. De manhã há as competições desportivas, depois continua-se de tarde passeando por Loppiano e fazendo várias atividades (canções, récitas, jogos) envolvendo toda a Cidadela. Na última edição participaram cerca de 350 pessoas e, graças à unidade que os gen transmitiram aos jovens (JPU), estes voltaram para casa felizes pela experiência feita.



Marco Cittadini

Economia de Comunhão

Escola EdC latino-americana Em linha direta

«Na história da EdC, Recife é importante por muitas razões. A primeira e a que eu estou muito afeiçoado, é o facto de que, quando Chiara veio pela primeira vez (em 1964) ao Brasil, aterrou em Recife, e nesta cidade fez o encontro "carismático" com a pobreza, escrevendo aquela frase no seu diário que, por si só, vale um tratado sobre a pobreza: *para ir ter com os pobres não se desce, mas sobe-se*. Às vezes pergunto-me onde estão hoje os pobres, no Movimento e na EdC. Não estão muito presentes, como protagonistas: falamos muito deles mas não se veem, a não ser nos (demasiado poucos) projetos da AMU; mas nas nossas comunidades, Cidadelas, e muito menos na imprensa, fala-se dos pobres. Fala-se, mas não os vemos.

Espero que os saiba-

mos amar dando-lhes parte do nosso lucro. E lembro-me muitas vezes daquele aviso que Chiara me fez quando disse: "Luigino, vocês estudam e fazem também muitas coisas, mas lembrem-se que a EdC nasceu para os pobres. Agora o desafio é ter presente esta missão da EdC, e não inverter paradoxalmente o sentido desta frase, como se "os pobres tivessem nascido para a EdC", para nos fazerem fazer uma boa figura, quando nos apresentamos como empresários e estudiosos "para" os pobres.

Ainda não é assim, mas temos sempre que ter cuidado para que isso não aconteça, porque, não só seria o fim da EdC, mas o fim da nossa alma. Já há alguns anos que, quando vou ao Brasil, sinto de um modo muito forte que a EdC tem necessidade de um novo protagonismo dos pobres, que de "objecto" de ajuda e de projetos, passem a ser eles os protagonistas, com todos os outros pro-

tagonistas da EdC... A pobreza cura-se atualmente, incluindo produtivamente pessoas com poucos recursos dentro das nossas empresas, e não só dentro das nossas comunidades (que continua a ser sempre uma condição necessária, mas nunca suficiente). Há, à volta deste ponto, um grande problema de identidade do projeto EdC, sobretudo na Europa e nos países economicamente mais ricos, mas um pouco por todo o lado.

Como contribui a EdC para um mundo "já sem nenhuma pobreza imediata"? Seria essa a finalidade que Chiara lhe propôs ("ninguém entre eles era indigente"). Contribui de dois modos, principalmente: oferecendo parte dos lucros, com que se desenvolvem projetos e uma cultura nova (essencial para todas as lutas contra a miséria), e, onde for possível, incluindo as várias pobreza dentro das nossas empresas». Este pedaço de diário é um modo eficaz



Em Nápoles

Uma experiência de comunhão fraterna

A Igreja partenopea (de Nápoles) propõe a cultura da solidariedade. O contributo de Associações e Movimentos

Para reagir às constantes crises económicas que atravessam o mundo, devemos difundir, com o nosso testemunho, a cultura da solidariedade e do amor por todos, sobretudo pelos mais pobres. O amor pelos pobres atrai os jovens, e é uma proposta que muda o coração de uma geração. É o convite amargurado feito na Convenção nacional «Igreja de todos e particularmente Igreja dos pobres», promovido em Nápoles pela Comunidade de Santo Egidio, juntamente com a Comunidade João XIII e a Diocese de Nápoles. Teve a presença



de Eli Folonari, Salvatore Martinez, Franco Vaccari e outros fundadores e membros de 160 Associações e Movimentos. Foi uma extraordinária experiência de comunhão fraterna que potenciou e iluminou os esforços, as tentativas, os projetos de muitos.

«Se o mundo globalizado - esclareceu Marco Impagliazzo, presidente da Comunidade de Santo Egidio -, nos quer fazer crer que só a procura do lucro gera bem-estar, nós dizemos que só a oferta gratuita, a cultura do dar regenera a sociedade e o mundo».

Diante dos cenários de uma crise nacional e mundial generalizadas, foi muito incisiva a intervenção de Andrea Riccardi: «Descobrimos que a fraqueza não é um limite, mas que deve ser abraçada. Quando semeamos na fraqueza há uma colheita abundante de frutos».

Foi comovente o testemunho que a Ele Folonari apresentou na Convenção, lembrando o nascimento do Movimento dos Focolares debaixo das bombas em Trento, vivendo exatamente o amor pelos últimos.

O cardeal de Nápoles, Crescenio Sepe, no final, convidou repetidamente os movimentos e as Associações presentes a continuar a trabalhar unidos nesta opção preferencial pelos últimos, no diálogo com pessoas com outras religiões ou crenças e com pessoas de convicções não religiosas.



para contar, «numa reportagem direta», o que foi para mim a viagem a Recife, para a Escola de EdC latino-americana (12-15 de Julho), com a presença de 200 pessoas, muitas das quais jovens (para aprofundamentos, news, fotos e relatórios ver o site www.edc-online.org).

Luigino Bruni

Pasquale Lubrano

No Brasil

Social-One, no mês de julho, realizou o seu primeiro Seminário extra-europeu na Universidade AESO de Olinda, no Nordeste do Brasil

O tema, muito fascinante – "Oferta e agir agápico: em diálogo para novas perspectivas para as ciências sociais" – tornou possível um fecundo encontro entre a experiência europeia e a inteligência criativa brasileira. Doze horas de trabalho intenso, com quatro conferências e quatro sessões paralelas, enriquecidas por um vivo diálogo com todos os participantes.

O símbolo de uma raiz – emblema do Seminário – indicava sugestivamente a origem e o percurso que se estava a fazer.

Vera Araújo, no seu tema de abertura, sublinhou de facto que «o ágape do qual falamos tem a sua nascente e aplicação na mensagem e na vida de Jesus de Nazaré. Esta aprofunda-se na vida e na compreensão doutrinal das comunidades cristãs ao longo dos séculos, nos vários espaços culturais, e agora também encontra aplicações inéditas na experiência e no pensamento de líderes carismáticos como Chiara Lubich, em cuja espiritualidade e doutrina nos inspiramos».

Três professores e investigadores italianos deram um contributo valioso. O prof. Michele Colasanto da Universidade Católica de Milão evidenciou o papel que conceitos como oferta, ágape e outros têm para a construção do bem comum. O prof. Gennaro Iorio, da Universidade de Salerno, além de explicar os elementos essenciais do conceito de ágape no âmbito sociológico, acrescentou uma reflexão muito sugestiva sobre ágape e conflito. A doutora Licia Paglione, do Instituto universitário Sophia de Loppiano (FI), propôs uma leitura da relação entre oferta e amor no pensamento do sociólogo russo P. A. Sorokin (1889-1968).

Nas sessões paralelas, professores e estudantes brasileiros ofereceram alguns contributos tanto teóricos como de pesquisa empírica sobre argumentos inerentes ao tema geral do Seminário. Uma verdadeira imersão na realidade académica e social do Brasil, que enriqueceu e deu brilho ao encontro.

O debate ao longo de todo o Seminário foi aberto, profundo, e notou-se uma progressão no nível da atmosfera, tanto científica como agápica.

Algumas expressões dos participantes:

Maria Eduarda Couto: «Foi bonito também porque se quebrou o muro entre nós jovens e os "dinossauros" das ciências sociais. Estes cientistas maduros ouviram-nos com atenção, e isso deixou-nos profundamente admirados». Simone Alves: «Adquiri uma bagagem teórica importante, mas a coisa fundamental foi mesmo a experiência do amor, daquele agir agápico que encontrei no relacionamento entre as pessoas que estão aqui». Lucas Galindo, coordenador do Seminário: «Este Seminário deixa como herança a abertura de pensamento, de coração e de alma para um diálogo fecundo que nos faz esperar que o agir agápico, o amor, incida com força na vida social».

Vera Araújo



Da zona de Emília, depois do terramoto Um sorriso para se poder voltar a erguer

Na região atingida pelo terramoto de maio passado, a reconstrução não é só de tijolos.

A três meses do primeiro forte abalo que atingiu a região de Emília, agora que os abalos se atenuaram, começa-se a olhar para aquilo que há para fazer para reestruturar os ambientes de trabalho e as casas e retomar gradualmente uma vida mais serena, apesar de fortemente assinalada por aquilo que aconteceu e pela incerteza do futuro.

A solidariedade a todos os níveis é co-movente: o terramoto fez ressurgir valores autênticos e a prioridade dos relacionamentos entre as pessoas.

Os membros da Obra estão a experimentar «o ser família» que Chiara nos convidou sempre a viver. Esta calamidade fez desmorrar tudo, mas o amor a Jesus Abandonado está a construir qualquer coisa de precioso que se começa a vislumbrar.

Os gen e as gen foram para os lugares onde a Proteção Civil e Administração Municipal ainda não tinham intervindo. Como as gen3 de Cavezzo ou Marco e Luca de Capri, que se aperceberam ao vivo das prioridades no terreno, individualizando referências locais a quem se dirigir. Muitos dos nossos jardins tornaram-se pontos de recolha e distribuição das ajudas. Voluntárias e voluntários e quem trabalha em instituições estão empenhados em pleno ritmo, com aquele «algo mais» que a vida da Palavra dá, fazendo captar o que é preciso em cada caso e encontrar soluções.



É espontâneo comunicar as incontáveis experiências da Palavra vivida. Queria-se nominar todos, quem está nos locais atingidos e quem de longe faz chegar um sinal, um gesto de participação que

o amor pôs em movimento: da Grande Zona da Itália, mas também da Cidadela Farol, na Croácia ou da Rishso Kosei-kai do Japão.

Fiorella (uma responsável local de Medolla, na zona mais atingida): «A minha garagem é um pequeno depósito do amor concreto que vem e que vai.

Vivo o momento presente deixando que seja Deus a escolher o que é melhor fazer: telefonar a quem perdeu a casa, contactar Silvio, focolarino casado que coordena as necessidades de alojamento, pegar na bicicleta debaixo do calor para ir ao encontro de alguém e fazer no trajeto pelo menos vinte paragens para uma saudação, um abraço, uma olhadela (sempre com um pressentimento e uma oração, porque pode ser a última), à nossa igreja destruída e ao campanário, que mesmo todo torto se mantém firme!

A semana passada vieram de Turim o Giorgio e a Silvana entregar-nos uma *roulotte*: foi uma alegria partilhar debaixo da *latada* do jardim, a 40 graus, um prato de massa «com os sinistrados».

No domingo fomos devolver as chaves do apartamento que João e Teresa tinham colocado à disposição para os meus pais.

Queríamos participar nas despesas mas... tudo fazia parte da hospitalidade, portanto aquela soma poderá cobrir as despesas de um outro qualquer.

Também hoje vou preparar dez/vinte frascos de compota "sinistrada" de damasco, que tenho em grande quantidade, da árvore no meu jardim para oferecer aos vizinhos».

Maria Grazia (*empenhada de Humanidade Nova, conselheira municipal em Capri*): «Ontem, enquanto estava à procura de repelentes contra os mosquitos para os campos de acolhimento de Cavezzo e Camposanto, encontrei o Luca. Mal tinha pegado no telemóvel para me ajudar nessa busca, e uma associação telefonou-lhe para lho oferecer. Hoje, no médico, estive com uma senhora que conheço. A sua casa ficou ilesa. Assim disse-lhe que tínhamos tido sorte porque estamos em condições de poder ser úteis aos outros. Comuniquei-lhe algumas coisas necessárias nos vários acampamentos. Abriu a carteira e deu-me todas as notas grandes que tinha. Dei-lhe um recibo oficial, sem esconder a minha comoção».

Giampaolo (*focolarino casado corresponsável das Associações para Ações Solidárias*): «A atividade do nosso armazém é frenética e intensa: quanta solidariedade! Empresas, grupos de pessoas, colegas de trabalho e simples cidadãos vêm de todos os lados a trazer géneros alimentares. Uma superabundância de Providência que nos fez abrir outros quatro armazéns. Muitos, focolarinos e focolarinas, gen, voluntários, aderentes e simpatizantes oferecem-se para vir ajudar: a família da Obra!».

Maria Giulia (*voluntária de Capri que trabalha na área da construção civil*): «Diariamente recebo pessoas à procura de

um trabalho mais ou menos provisório para não ficarem paradas. Da manhã à noite estou à "caça" de empresas ou oficinas. É sempre uma alegria saber que alguns conseguem um trabalho.

Os empresários não querem desistir "Das paredes em ruínas faremos nascer empresas ainda melhores!" dizem eles».

Silvano (*focolarino casado de Rimini*): «Com dois grupos folclóricos dos quais faço parte, de acordo com as autoridades civis de Medolla, organizámos um Max jantar (cerca de oitocentas pessoas) com peixe trazido de Rimini, oferecido por associações, comerciantes, operadores turísticos. Um dos nossos voluntários, quando nos viu tocar à torreira do sol, foi buscar três grandes guarda-sóis. Uma senhora, no fim do serão, veio entregar-nos uma carta: «sentada diante da minha tenda observo tudo aquilo que neste anónimo domingo vocês construíram, para nós. E nós quem somos? Pessoas como vocês, mas só com uma diferença, não temos um sorriso. Vocês hoje, trouxeram-no-lo de novo, por algumas horas, mas agradeço-o».

Em dois minutos pode-se perder tudo, casa, trabalho, amigos... e também o sorriso.

Amanhã será mais um dia como muitos. Levantamo-nos à espera, à espera que a terra trema de novo. Mas hoje não, vocês fizeram-nos esquecer que somos sinistrados, que temos uma fenda no coração e que já nos esquecemos de sorrir.

Nós vamos voltar a erguer-nos e nunca mais nos vamos esquecer deste gesto esplendido».

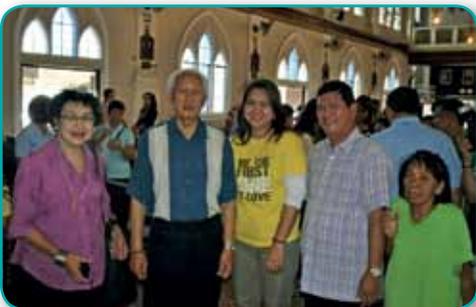
Maria Palladini, Franco Monaco



Manila

Três projetos em redor da paróquia

Educação, formação política, programas de alimentação: o Movimento Paroquial em ação



Este ano, nas várias paróquias densamente populosas da arquidiocese de Manila, o Movimento dos Focolares, através do Movimento Paroquial, tem continuado a concentrar-se em ações sociais, pon-do em campo vários projetos. O primeiro diz respeito a um programa para bolsas de estudo.

Na paróquia de São Roque, continua-se a dar assistência financeira a alguns jovens pobres, para os ajudar a adquirir material escolar e alimentação nos dias que vão à escola. Tendo iniciado com apenas dois benfeitores, agora dá apoio a 27 raparigas e rapazes, com a ajuda de uma rede de amigos e parentes.

Duas já estudam na universidade, 12 na escola superior e os outros estão ainda na escola básica. O projeto ajudou-nos a construir um forte relacionamento com os estudantes e os seus pais e, nos encontros com eles, conhecemos melhor as suas vidas e as dificuldades.

O segundo projeto relaciona-se com a formação dos eleitores e o Fórum para os candidatos, em continuidade com uma iniciativa começada em 1990, na paróquia de São Roque, como resposta à solicitação da Conferência episcopal das Filipinas para «eleições honestas». O projeto prevê uma formação imparcial para os eleitores através de *workshops*, além de informações sobre os candidatos e os seus programas. Isto ajudou para uma escolha mais consciente durante as eleições.

Depois das últimas eleições de 2010, o Fórum dos candidatos, que se realizou recentemente, deu a oportunidade dos cidadãos

continuarem o diálogo com os funcionários eleitos para aprofundar os problemas urgentes da comunidade. Estes últimos puderam referir a que ponto se estava sobre as promessas feitas durante a campanha eleitoral. E a paróquia foi escolhida como sede para a distribuição dos viveres que geralmente os funcionários eleitos dão aos pobres durante a festa de Natal e noutras ocasiões. Essas prendas não se tornaram meio de suborno ou de obtenção de votos.

O terceiro projeto é dirigido às crianças de rua e nasceu de um grupo de Palavra de Vida. Em colaboração com o serviço social da paróquia, organizou-se um programa de alimentação do qual beneficiam cerca de 300 crianças, cujas famílias vivem, na sua maior parte, no cemitério público.

Marianito e Mila Rucelis





Vale Ronchetti

Rocca di Papa, 28 de agosto 2012

Caríssimas e caríssimos,

A Vale deixou-nos no domingo. Tinha 88 anos. A mesma idade de Chiara quando partiu para o Céu.

É impossível numa página sintetizar a riqueza, a diversidade da vida que a Vale, desde o início do Ideal, protagonizou ao lado de Chiara, em muitas zonas da Europa e de outros continentes e nos mais variados âmbitos da Obra: o primeiro diálogo, o ramo das religiosas, no mundo da arte e do desporto, e no dos média... só para citar alguns.

Quem é que não a conhece? E, ao mesmo tempo, quem pode dizer que a conhece em todos os seus aspetos? Só Chiara poderia falar adequadamente dela! A Vale contou muitas vezes e em diversas circunstâncias a sua história e reunir-se-á tudo, assim como muitas notícias e testemunhos, para se escrever a sua biografia.



Entretanto, preparámos um perfil que será lido durante a celebração do seu funeral (no Centro da Obra às 10.30) a que todos se podem unir via internet. Depois acompanhá-la-emos até à Campa "Nós acreditámos no Amor", no cemitério de Rocca di Papa.

Do mundo inteiro, estão a chegar numerosíssimas cartas onde nos contam o que é que o encontro com esta primeira focolarina operou nas suas vidas. É um coro de agradecimento a Deus!

Com imensa gratidão ofereçamos sufrágios pela Vale, na certeza de que "Lá" continuará a ajudar-nos a manter acesa nos corações a chama do Ideal e a levar a sua luz ao mundo inteiro.

Unidíssima no Ressuscitado.

Emmanuel



Publicamos os telegramas da Emmaus sobre os últimos que chegaram à Mariápolis Celeste.

Padre Andrea Balbo (padre Novo) o.f.m.

Pedra fundadora da Obra de Maria, ao lado de Chiara

O p. Andrea (p. Novo) depois de uma longa doença, na noite de 28 de Julho, voltou para o seio do Pai.

Foi dos primeiros religiosos a conhecer o carisma da unidade e, durante muitos anos, foi responsável do Ramo e do Movimento dos religiosos da Obra de Maria.

Nasceu no dia 8 de Fevereiro de 1923 na província de Vicenza, sendo o segundo de cinco irmãos. Com 13 anos entrou no seminário dos Frades Menores (Franciscanos). Como ele próprio contou, a partir dali e gradualmente, o estudo tornou-se o seu ideal: "estava enamorado e preso aos estudos: Filosofia e Ciências, e todas as novas tecnologias desenvolvidas pela guerra apaixonavam-me muito". Depois de ter estudado Teologia na Terra Santa, esteve dois anos em Nápoles, no Instituto de Anatomia, e depois quatro anos em Paris, na Sorbone, onde estudou Química, Física e Astronomia. Foi o primeiro fadre que, após a revolução francesa, frequentou aquela Universidade. Em 1949 ordenou-se sacerdote.

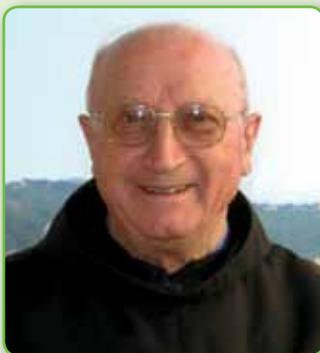
No verão de 1953 convidaram-no para a Mariápolis nas Dolomitas. Partiu contente porque poderia fazer pesquisas geológicas e levou todos os apetrechos científicos, mas não teve tempo para se dedicar aos estudos. Contava: «Dentro de mim começou a demolição do mundo que tinha construído para,

gradualmente, dar lugar a uma nova dimensão das coisas. Ali, entrou em mim um novo elemento catalizador: Deus, Jesus no meio de nós. Começou a criar-se em mim uma nova ordem interior, também no pensamento».

Foi determinante o encontro pessoal com Chiara que, no fim da Mariápolis, na viagem de comboio de regresso a Roma, lhe deu um nome novo: «padre Novo» e a frase «se não nasceres de novo, não poderás entrar no Reino dos céus (cf Jo 3,5)». «A partir dali, o meu relacionamento

com Chiara foi ininterrupto. Tive a graça de a ter sempre muito próxima de mim e de lhe poder estar sempre muito próximo, nas mais diversas circunstâncias, até nas mais dolorosas».

Em 1954, os superiores enviaram-no para Jerusalém, para ensinar ciências no liceu da Terra Santa. Pareceu-me «ter sido arrancado daqueles relacionamentos cheios de vida que me ligavam a Chiara e aos membros do Movimento, que naquela altura só estavam em Itália. Tinha a impressão que, para mim, tinha acabado tudo». Foi um momento difícil, de escuridão. Um dia, quando celebrava, veio-me como que uma luz: «Chiara falou-me sempre de Jesus Abandonado. O que estou a viver não será um aspeto de Jesus Abandonado?» Escreveu logo a Chiara, que lhe respondeu no dia 16 de outubro de 1954: «... é a primeira vez que noto noutra alma algo que se assemelha àquilo que eu sinto. Verdadeiramente – hoje estou convencida – P. Novo é P. Novo: renovado pela purificação da cruz que, para nós, é Jesus Abandonado. E, como pode imaginar, estou felicíssima. Agora,



basta permanecer-Lhe fiel até à morte... Como estou contente! Agora, Padre, quem sabe como Jesus fará chegar à sua alma muitos frutos! E estará, mais do que nunca, unido a todos nós, a mim em particular...» Em 1956 Chiara foi à Terra Santa encontrar-se com ele. Pouco depois, foi chamado para Roma e iniciou a sua «aventura» perto de Chiara.

Com outros religiosos que tinham conhecido o Movimento, colaborou com Chiara no nascimento do Ramo dos religiosos. Em 1980 recebeu dos superiores a licença para se dedicar a tempo inteiro ao serviço da Obra, dando vida a um Centro para os religiosos. Além disso, iniciou a «escola de verão» para a formação dos religiosos, uma verdadeira novidade para aquele tempo. Organizou as secretarias das zonas e colaborou com Chiara no nascimento dos gen-re e na escola dos religiosos, com sede em Loppiano.

Foi sobretudo um guia seguro para todos os religiosos chamados a viver os seus carismas, à luz da unidade.

Em 22 de Janeiro de 2005 escreveu a Chiara: «Hoje é o 55º aniversário desde que nos guiaste à vida “em analogia com a vida trinitária”. Introduziste-nos e fizeste-nos participar da “Vida”. É este o grande mistério de Deus, pelo qual tu tens esta imensa família: a família da Obra de Maria que vive constantemente com Jesus no meio. Obrigado Chiara por este enorme tesouro: o dom da vida que Deus te deu também para todos nós!».

Mas a tarefa mais preciosa que P. Novo desempenhou foi permanecer sempre ao lado de Chiara, como seu confessor, desde o seu regresso da Terra Santa em 1956, até aos momentos mais difíceis como os da doença e os das noites da alma. Uma presença fiel e discreta, que soube atuar o que Chiara lhe tinha confiado, o ser fiel a Jesus Abandonado até à morte.

Depois da partida de Chiara para o Céu, a saúde de p.Novo ficou cada vez mais débil, tendo ido para uma casa de saúde dos franciscanos, perto de Pádua, onde foi segui-

do pela comunidade, com um amor muito particular, a começar pelo seu superior, o P. Camilo, responsável pelo ramo dos religiosos da zona de Trento.

O P. Hubertus Blaumeiser escreveu-me: «Chiara tem um gigante agora, perto dela... o P. Novo. O P. Novo é inseparável da história da Obra e da alma de Chiara. No Paraíso, vamos contemplar o que significa ser, no silêncio,» esta presença ao lado de Chiara... Pessoalmente, recordo o P. Novo como um



irmão muito querido e um testemunho de exceção na Escola Abbà». É impossível descrever em poucas palavras a longa vida do P. Novo, a sua profunda união com Deus e o quanto fez pela Igreja e pela Obra de Maria. Teremos ocasião de falar mais amplamente dele.

Depois do funeral, o P. Novo foi acompanhado ao cemitério de Rocca di Papa, onde repousa ao lado dos primeiros companheiros e companheiras de Chiara. Para aprofundar as intervenções feitas no funeral, as fotografias e um breve vídeo de Padre Novo, remetemos para www.focolare.org/notiziariomariapoli

Mons. Joseph Nduhirubusa

Entre os primeiros Bispos, amigos do Movimento, da África

Na noite de 16 de julho, D. Joseph Nduhirubusa, bispo emérito de Ruyigi (Burundi) e animador responsável pelos Bispos amigos do Movimento na África de Leste (E.A.C) partiu de repente para o Céu, depois de ter sido hospitali-

zado devido a uma doença.

Nasceu em abril de 1938 e foi consagrado Bispo em 1980. Exerceu o ministério pastoral na diocese de Ruyigi até outubro de 2010. Foi dos primeiros Bispos africanos a encontrar a Obra de Maria, juntamente com D. André Makarakiza, que também já está, há vários anos, na Mariápolis Celeste, e que fez com que fosse aberto o primeiro focolar no Burundi.

Naquela altura, Marilen Holzhauser e Lucio Dal Soglio iam frequentemente visitar estes dois Bispos para lhes dar a conhecer melhor o carisma da unidade, que apoiaram sempre, no Burundi, apesar da delicada situação de discórdia que se estava a difundir nesta nação.

Na sua vida de «pastor», D. Nduhirubusa partilhou pessoalmente os sofrimentos do seu País: entre outras coisas, foi raptado e libertado ao fim de uma semana.

Em julho de 1998, numa carta a Chiara dizia: «Não consigo resignar-me a este estado terrível das coisas, que destroi a vida de Deus no povo, na comunidade burundesa».

Baseando-se na espiritualidade e em particular em Jesus Abandonado, que acreditava ser a única chave para a unidade, procurava levar a paz e a reconciliação entre as etnias em luta. Estava muito feliz com a presença da Obra na sua nação e nas Dioceses e desejava promover cada vez mais projetos sociais à luz do Ideal.

D. Joseph participava com muita frequência nos encontros dos Bispos Amigos do Movimento, no Centro da Obra, e tinha uma profunda ligação com Chiara.

Agora, no Céu, onde pensamos tenha sido recebido por Maria, Rainha dos Apóstolos, estará mais próximo do que nunca dos Bispos e de toda a família da Obra, em particular a do Burundi, que tanto amava.

[...] Agradecemos a Deus pelo seu precioso testemunho de vida evangélica.



Umberto De Osti

«Cristo, de facto, não procurou agradar a si mesmo»



Umberto, focolarino da Mariápolis romana, partiu para o Céu na noite de 28 de julho, com 68 anos de idade, depois de nove meses de doença.

Originário da província de Varese, conheceu o Ideal em Milão em 1961:

«Quando conheci o Ideal, através de Pino Quartana, que era professor na minha escola, foi como um raio num céu sereno. Todos os meus templos desmoronaram um a um. A luz fortíssima que iluminava a minha alma apresentava-me 100 soluções para aqueles problemas a que era tão sensível e iniciei mesmo uma vida nova».

Foi imediatamente atraído pela vida do focolar. Em 1964 escreveu a Chiara: «quero abrir-te a minha alma, particularmente feliz neste dia por um duplo motivo: primeiro porque tive a graça de poder passar uma semana no focolar, segundo porque tive a confirmação da minha vocação. É bom avançar cada vez mais na vida da Obra porque se conquista uma dimensão nova. Foi o que senti ao viver no focolar onde, como em nenhum outro lugar, se passam momentos cheios de alegria e se chega a uma plenitude espiritual como só a que se encontra na união eucarística com Jesus, ou na união com Deus na meditação».

Em 1965 foi para a escola de Loppiano, depois para Roma e Nápoles, seguindo-se Loppiano de novo e Trieste. Seguidamente esteve 16 anos em Turim, onde foi delegado de zona e, por alguns meses, em Florença. Depois de ter passado um ano na Grã-Bretanha, esta-

va, desde 1996, na Mariápolis romana.

A sua Palavra de Vida é: «Cristo não procurava agradar a si mesmo» (Rm 15, 3).

Tinha uma relação muito profunda com Chiara. Por ocasião da Festa da Imaculada em 1971 escreveu-lhe: ... « durante todo este ano procurei familiarizar-me com a caridade. É uma arma que comecei a empunhar bem para me tornar, com o tempo, um atirador exímio». E também a 6 de outubro de 1981: «... quero construir contigo aquela unidade de que nos deste a entender com as tuas palavras, com o teu "ser". Cada ângulo da alma se iluminou de tal modo que senti descobertos todos os limites, as omissões, as imperfeições, mas, ao mesmo tempo, senti-me envolvido pela luz potente, delicada, regeneradora do Espírito».

Em Novembro do ano passado, manifestaram-se fortemente os sintomas da doença que viveu com serenidade e abandono em Deus, numa unidade profunda e alegre com todos os «popos» do focolar de Villa Serena, onde permaneceu até à sua partida para o Céu.

Escreveu ao Hans Jurt, em abril passado: «Nestes dias de Páscoa pensei muito no canto de alegria que a Igreja utiliza para nos fazer compreender o motivo da alegria que soluciona a dor e a angústia da cruz, como a ressurreição se torna força, aquela que os discípulos receberam no terceiro dia. É uma ressurreição continuada, ponto de partida para uma fé e uma força que fazem compreender como Jesus Abandonado, abraçado e estreitado a nós, e a fé no Ressuscitado, têm o poder de perdoar os nossos pecados e, cheios alegria, suportar os sofrimentos».

Foi uma doação para os outros até fim, vivendo experiências muito belas e profundas com várias pessoas no hospital, sobretudo com os não crentes.

Ofereceu a sua vida por esta etapa atual da Obra, em particular pelos jovens e pelas vocações dos focolarinos e das focolarinas.



Ivanka Splajt «alma»

*«Deixa que no teu coração
reine a unidade»*

Ivanka, uma das primeiras focolarinas croatas do centro zona da Eslovénia, chegou ao Paraíso, no dia 5 de Agosto, quando focolarinas e focolarinos e muitos da comunidade rezavam o terço, junto dela.

Nasceu no dia 10 de Maio de 1944, numa harmoniosa família de agricultores, com oito filhos, firme na fé. Deste ambiente familiar saudável, Ivanka recebeu os valores fundamentais da vida: bom senso inato, firmeza, otimismo, dedicação ao trabalho e uma sensibilidade muito especial.

Conheceu o Movimento em 1968, durante uma viagem a Roma, através dos Encontros Romanos. Ela própria contava: «A luz mostrou-se... E que alegria enorme quando percebi, na minha primeira Mariápolis em 1969, que Deus me ama e me amou sempre. Vi a minha vida como um filme: quando estava longe da minha família, ainda pequena, quando me afastei de Deus na adolescência, quando, aos vinte anos, estava no hospital com uma doença grave, quando sofria por não encontrar o amor que sonhava. Foi como um relâmpago, e vi toda a minha vida passada bordada com este Seu amor».

Depois da escola de Loppiano viveu nos focolares de Lubliana, Zagreb, agora ex-Jugoslávia, de onde, naquela altura, se levava o Ideal também para os países vizinhos, entre os quais a Hungria, a Bulgária e a Roménia. Durante dez anos foi co-responsável da zona da Hungria e durante alguns anos da Croácia. Em toda a parte, as pessoas que a conheceram profundamente descobriram nela um grande coração que sabia apoiar, encorajar e iluminar com a luz de Chiara. Eis como a Ivanka descreveu aqueles anos: «Conheci vários povos, vivi muitos momentos dolorosos e outros alegres, vi nascer muitas pessoas ao Amor, pude partilhar

com eles aquilo que viviam... e vi como o Reino de Deus avança, se expande e conquista!!!».

Depois uma nova aventura que Ivanka aceitou com entusiasmo: o focolar de Moscovo. Aí, em 2009, manifestou-se, em pleno, a doença, de que já sofria há alguns anos. Voltou para a Eslovénia, consciente de que já não voltaria à Rússia, zona que, como ela dizia, lhe tinha «roubado o coração».

Foi assim que a Ivanka viveu até ao fim: «Para mim é muito forte ver como Deus nos usa de modos diferentes para levar o mundo à unidade. No coração tenho uma grande paz, porque sei que Ele tem nas suas mãos as rédeas da minha vida, bem como as do mundo. Eu não tenho que fazer nada a não ser seguir-Lo, porque é Ele que me faz avançar por amor e com amor».

Apesar do agravamento da doença e das várias intervenções cirúrgicas que teve de suportar, estava sempre «na primeira linha» e continuava a viver por cada evento da Obra, envolvendo neste empenho outras pessoas doentes do Movimento. Numa das suas últimas cartas destes últimos meses escreveu-me: «Contigo quero abraçar Jesus Abandonado, fixa no momento presente, para que o Reino de Deus avance e para que Chiara, do Céu, se alegre ao ver a sua Obra toda luminosa com os nossos «sim» a Ele».

A confiança incondicional no Amor fazia-a aderir a cada «pedido» que a vontade de Deus, dia após dia, lhe apresentava: a perda progressiva das faculdades motoras, da fala... vivendo cada novo passo com uma paz muito grande e refinando o amor ao irmão. Tinha muito no coração o Genfest e os jovens, em particular. Um dia em que se falava dos possíveis meios de transporte para este evento, ela disse: «Eu vou ser a primeira a chegar ao Genfest». Quando se lhe perguntava como estava, respondia: «Estou felicíssima!» E ainda: «Quando chegar aquele momento, virá Nossa Senhora e eu vou dizer-lhe: «aqui estou!».

Ivanka está na Cidadela Farol... A Palavra de Vida que Chiara lhe deu em 1973 é: «Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual

fostes chamados num só corpo (Col. 3,15) e o nome novo Alma, outra Maria, com a explicação: «... Deixa que no teu coração reine a unidade, então estás no Coração de Maria e crescerás como sua verdadeira filha, toda Ela».

É aí que pensamos que está a Ivanka agora.

Sandro Vettori

No dia do Pacto

No dia 16 de Julho partiu inesperadamente para o Céu, Sandro Vettori, com 54 anos de idade, um esplêndido focolarino casado da zona de Trento. Tinha ido dar uma volta de bicicleta de montanha por um carreiro próximo da zona onde vivia e aí foi encontrado sem vida. Provavelmente a queda da bicicleta foi provocada por um enfarte.

Sandro nasceu em Roncone (Trento) e deixou a mulher, Elena, e três filhos: David, Samuel e Marco. Era operário numa fábrica de papel e era um apaixonado pelo ciclismo e percursos de montanha. Conheceu o Ideal em 1986, numa Mariápolis. «Desde então renasci para uma nova vida e senti sempre uma forte atração pelo focolar», escreveu numa carta a Chiara, em 1989. A carta dizia ainda: «quero escolher Deus totalmente, como o tudo da minha vida, de modo que sobre o meu nada Deus possa trabalhar para coroar o Seu projeto sobre mim».

Em 1991, Chiara deu-lhe uma Palavra de Vida: «A quem procura o Senhor não falta nada» (Sal 33,11).

Em 1995, Sandro voltou a escrever-lhe: «Um obrigado por tudo, do fundo do coração. Gostaria de poder retribuir-te, pelo menos com a fidelidade para sempre ao imenso tesouro, que recebi gratuitamente. Estou aqui contigo, fortalecido pela tua unidade, para fazer difundir o Ideal».

Tinha uma sensibilidade especial para com aqueles que atravessavam momentos





dolorosos ou dificuldades e uma especial atenção para com as novas gerações, apoiando-as e participando ativamente nas suas iniciativas.

Os focolarinos da zona dizem-me que lhes foi espontâneo, nesta dor imprevista, pensar na coincidência da «partida» de Sandro com a data de 16 de julho, dia do Pacto, e recordaram o que eu escrevi recentemente aos focolares. De facto, uma das suas fortes características era o seu amor preferencial pelos focolarinos de vida comum. Há pouco tempo disse, pelo telefone, ao seu responsável de zona, que rezava muito e oferecia tudo pelas vocações ao focolar.

Elena, ao receber a notícia da morte de Sandro, confidenciou que, no domingo anterior, ficando um bocadinho na igreja, depois da Missa, lhe tinha dito: «Aqui estou bem, sinto-me liberto de preocupações e ninharias. Gostaria de ficar sempre aqui». E ela comentou: «Foi para onde sempre desejou ir».

Francisco Xavier Yambo

Dos primeiros voluntários de Angola

Deus chamou-o a si no dia 8 de Julho, com 66 anos. Nasceu numa família cristã. O pai era catequista e, desde pequeno que Xavier, o atual delegado dos voluntários, sentiu que deveria oferecer a sua vida a Deus.

Em 1961 a família refugiou-se no Congo, onde Xavier estudou num ambiente onde se difundia o ateísmo e o racismo era muito forte...Quando ouviu a frase “não existem santos negros” e que “o céu não é para negros, por muito competentes que sejam”, sentiu uma grande revolta e entrou numa profunda crise de fé.

O encontro com o Ideal no ano de 1968, através do Pe. Duverne, foi um encontro com Deus Amor. “A descoberta de ter um pai que me ama pessoalmente revolucionou todo o meu ser, redescobri a fé e a possibilidade de caminhar para a santidade. Marcou-me

profundamente a frase de Jesus “Amai-vos uns outros como eu vos amei”.

Formado em Antropologia, casou-se com Luzia e tiveram 9 filhos, sendo 4 adotivos. Dois deles fizeram escolhas radicais: um religioso salesiano e uma focolarina. Ao regressar a Angola encontrou uma comunidade nascente e foi um dos pioneiros na difusão do Ideal nesta nação. Também a formação dos filhos era impregnada desta luz.

Xavier trabalhou com muita competência e humildade no Ministério da Cultura, também nos difíceis períodos de guerra, superando incompreensões e dificuldades, até ao aparecimento da doença.

Uma das suas características foi o desaparecimento pelas coisas passageiras. Não possuía uma casa de sua propriedade, nem sequer um carro, mas mesmo assim ofereceu um terreno à Obra e, ao receber do Ministério um carro, como compensação pelo seu trabalho, não hesitou em oferecê-lo à Obra. Este foi o primeiro meio de transporte do Focolar, que tinha sido aberto naquele ano de 1992.

Como antropólogo especializado na tradição africana deu um precioso contributo à inculturação. Como ‘filho’ de Chiara, compreendeu o valor do sofrimento oferecido por amor. E foi amor e luz que ele deu sempre nos três anos de doença. Estava sempre surpreendentemente calmo – mesmo quando estava cheio de dores - e continuava a interessar-se por toda a Obra. Queria saber notícias e as intenções pelas quais oferecer o seu sofrimento.

Seguiu com amor e ofertas a viagem de Emmaus à América do Sul, de onde recebeu uma carta em resposta da sua. Ultimamente, tinha muito no coração o encontro em Moçambique...

No último ano as dores intensificaram-se e eram constantes. Os médicos receitaram três doses de morfina por dia mas ele preferia permanecer consciente e aceitava só uma

dose à noite. Algumas das suas últimas frases foram: “A divina aventura! Quando o dizia antes era teoria, agora sei o que significa pois a vivo em cada momento”. Quando não conseguia dormir dizia, “faço a ronda pelos lugares do mundo onde existe mais sofrimento”. Quando sugerimos limitar as visitas para que ele não se cansasse muito, sorrindo disse: “Imaginem se Jesus na cruz tinha horários?”

“Estou sempre com a lâmpada acesa, estou pronto para o encontro com Jesus”. “Cada dor oferecida contém toda a Obra”. “Preocupações? Não! Há muito tempo aprendi a abandonar-me no presente”. Num dos últimos dias disse: “Vocês não imaginam como estou feliz”. Mesmo se o corpo se consumia, o seu olhar e sorriso eram constantes.

O funeral foi muito bonito. As canções, escolhidas por ele, eram muito fortes para todos. No velório, realizado no Centro Mariápolis, estiveram 15 sacerdotes e mais de 200 pessoas, também do Ministério da Cultura. Na aldeia, onde foi sepultado, estava um bispo e 12 sacerdotes, além de uma grande multidão dos arredores e de outras comunidades, que vieram para dar o último adeus ao Xavier. Esplêndida a mensagem da Emmaus a Luzia e Augusta. A certa altura dizia: *«Estou convosco neste momento de sofrimento porque o Xavier deixou esta Terra, mas também de amor ao constatar que ele estava numa doação constante até ao último momento. Preparou-se sem dúvida para o encontro com Jesus, contribuindo para acelerar a realização do “Que todos sejam um”. Vamos-lhe confiar sobretudo a Obra em Angola e os voluntários»*.

Anna Maria Satanchè (Ciaccio)

Para consultar outros perfis que, por falta de espaço, não conseguimos inserir nestas páginas, recomendamos:

www.focolare.org/notiziariomariapoli

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: Carla Lubich Graziadei, irmã de **Chiara**; Dina, a mãe de **Donatella Donato Di Paola**, delegada da Obra em Milão e de **Marisa**, foc. cas. em Catanzaro; Jacqueline, mãe de **Rita Moussallem**, delegada da Obra da Jordânia; Luiz Henrique, irmão de **Flavio Rovere**, delegado da Obra em Nairobi; Maria, a mãe de **Rita Stegmann**, conselheira no Centro Foco; Heinrich, pai de **René (Nuldi) Meier**, foc.no na Mariápolis Romana; Annamaria e Gino, irmã e irmão de **Luciano Curà**, e Annunziato, pai de **Valentino Agri**, foc. nos no c.zona da Índia; Zita, mãe de **Gabriella Galiazzo**, foc.na em Trento; Alexandrina, mãe de **Vania Alves da Silva**, foc.na em Fontem; Anton, pai de **Maria (Mara) Watzl**, foc. na na Áustria; Davide, pai de **Donato Falmi**, foc. no em Roma; Giacomo, pai de **Nicola Scavo**, resp. foc. em Florença; Pia, mãe de **Emilio Zandonella**, resp. foc. em Perugia; Xavier, marido de **Luzia**, vol. ia, e pai de **Augusta Aga Nanguève**, foc.na em Joanesburgo; o irmão de **Giuliana Mazzarani**, foc.na na Mariápolis Romana; a mãe de **Mila Hipolito**, foc.na em Mumbai; Carmencita (vol.ia), mãe de **Carla Sanjimi**, foc.na em Lima; Siponta, mãe de **Grazia Villani**, foc.na em Roma; Luigi, pai de **Carmela Fasciano**, foc.na cas. em Pescara; Vittoria Han, mãe de **Agatha Kim**, resp. foc., Maria Chang, mãe de **Tama Choi**, e Francesco, irmão de **Magnificat Kim Kyong Sook**, todas foc.nas no C.Mariápolis da Coreia; Piero, irmão de **Agnese Boschiero**, foc.na cas. em Verona; o pai de Ivanalda Medeiros, foc.na em Bauru (São Paulo); a mãe de **Rosetta Curatolo**, foc.na cas. em Palermo; o pai de **Aláisa Celestino**, foc.na do retroterra da Mariápolis Gloria (Brasil); Simone, pai de **Maria Goretti Nkenguburundi**, foc.na na Mariápolis Romana; Alba, irmã de Alfonso **Zamuner**, foc. no no c. zona de Montevideo; Athanase, irmão de **Bernardine Nyonzima**, foc.na no c.zona de Douala (Camarões); Caterina, mãe de **Flavio Pezzina**, foc.no nos Castelos Romanos.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXIX • Outubro de 2012 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Summer School em Economia de Comunhão



A Summer School realizou-se na Cidadela Arco-íris de 11 a 15 de setembro e estiveram presentes 70 alunos e quatro professores universitários: do Porto, Braga e dois de Lisboa (responsáveis de mestrado em Psicologia positiva aplicada). Ficaram vislumbrados com tudo o que se viveu na Summer School e convidaram o Luigino Bruni e o Luca Crivelli a dar uma “Aula aberta” na sua Universidade, sobre o tema “Economia e bem comum: o valor dos bens relacionais”. Estavam presentes cerca de 150 pessoas, num clima de grande atenção e participação. Veio também a presidente do Instituto.



visitas turísticas que deram a conhecer o nosso povo.

No final desta escola, Luigino afirmou que “esta foi a primeira verdadeira Summer School internacional, também porque foi toda em inglês; e tinha a impressão de ter pela primeira vez diante de si a segunda geração EDC,” de jovens que já têm na mão a bandeira, mas continuam a corrida, com o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos, e com mais ferramen-



Muitos dos Gen disseram que, antes, pensavam que a EDC era um assunto para um grupo de empresários. Agora foram conquistados e querem colaborar ativamente e com entusiasmo. O nível académico do programa, e dos seus alunos, era muito alto e isto fez-lhes perceber que estamos a falar de coisas sérias e que o Ideal da unidade tem respostas sérias para todos as esferas de vida. Foi muito importante, sobretudo para os que vinham de fora, conhecer algumas empresas e algumas

tas, cultura e companheiros de viagem.” Concluiu dizendo: “*Estamos convencidos que a EDC terá futuro porque vocês existem; the flame is still burning, o fogo continua aceso...*”. E as mensagens que nos chegam dos muitos países dos participantes confirmam-no.

Concretamente, os jovens propuseram a criação de uma “comissão internacional de jovens EDC”, que dê continuidade à Summer School e a próxima será provavelmente em Madrid.

